

# O JORNAL DO BRASIL O exemplo do México

## ● Especialista acha que Brasil deve seguir modelo estrangeiro

Já foi tempo em que era possível conceber soluções para os desarranjos da economia brasileira a partir de concepções geradas internamente. Agora isso não é mais possível e chegou o momento de buscar receitas fora do país, especificamente no México. É o que diz o especialista em América Latina — e em hiperinflação —, o professor alemão Rudiger Dornbusch, do conceituado Massachusetts Institute of Technology (MIT). Para ele, o Brasil, “uma bagunça mal administrada”, foi e é uma nação diferente das outras da região, agora pelo fato de não ter encontrado ainda o seu caminho. A adoção do modelo mexicano, segundo ele, poderia romper o círculo vicioso em que o país se encontra e conduzi-lo às virtuosas do crescimento.

Em artigo publicado na *Carta Econômica* do Banco de Investimentos Garantia, Dornbusch lembra que até alguns anos atrás o México era “uma economia fechada e entorpecida, dirigida por um sistema unipartidário”. Durante a década de 70 e 80, observou, aquele país nem de longe podia se comparar ao Brasil. Aí veio a crise da dívida e dos preços de sua principal commodity, o petróleo, e depois a fuga de US\$ 60 bilhões. A inflação chegou a 200% e os salários perderam quase 40% de seu poder de compra. A renda per capita decresceu 15%. Entretanto, reformas corajosas trouxeram o México para o time das nações respeitadas e hoje o país, que está a um passo de se integrar à economia dos Estados Unidos e do Canadá através de um tratado de livre comércio, é visto como uma “futura Espanha”.

**Lições mexicanas** — Para o professor Dornbusch, as lições que o México pode oferecer são de estabilização, dívida interna, reestruturação e governabilidade. As medidas de estabilização buscaram em primeiro lugar controlar o déficit público; depois, trazer a inflação para níveis mais moderados. O processo de estabilização ainda não terminou porque o governo pretende implantar, em breve, uma taxa de câmbio fixa em relação ao dólar.

Na redução do déficit teve papel importante o controle do orçamento, com cortes nos investimentos públicos, fechamento ou privatização de estatais deficitárias, término dos subsídios e reforma fiscal. Essa reforma incluiu a ampliação da base tributária, com a incidência do Imposto Sobre o Valor agregado, o

ICMS mexicano, a todas as atividades econômicas que antes eram isentas, como o transporte. Isto compensou a simplificação da base tributária, que foi realizada com redução de alíquotas.

Um aspecto que Dornbusch ressalta é a aplicação rigorosa da legislação tributária. “É voz corrente que anteriormente a 1985 apenas duas pessoas foram para a cadeia por motivos de fraude fiscal. Uma delas tinha tido um caso com a amante do presidente e a outra ninguém sabe o motivo”, lembrou o professor. “Atualmente, as pessoas realmente vão para a cadeia e ficam presas durante seis meses, um ano ou mais”, diz ele, que acrescenta: “A lista de sonegadores contém nomes que freqüentemente se encontram em colunas sociais”. A estabilização das contas deu ao México credibilidade: “No momento, os mexicanos conseguem tomar dólares a 10,4% ao ano”.

**Inimigo público** — Encaminhado o processo de estabilização, o governo passou a combater a inflação, transformada em inimigo público número um. Conforme Dornbusch, o instrumento principal disso foi um pacto social que pressupunha um amplo acordo na política salarial, nos preços da cesta básica, pressões contra aumentos desmesurados de preços e política prestabelecida de desvalorização cambial, a um peso por dia. Essa desvalorização foi posteriormente reduzida e agora está para terminar.

Outro ponto atacado pelo governo foi o da dívida. “A abordagem mexicana foi muito simples: o país reconheceu que os credores não podem arcar com devedores que conseguem redução da dívida mas não se esforçam para tornar a negociação atrativa. Um bom acordo deve fazer com que a dívida remanescente não seja tão assustadora e colocar o serviço da dívida para funcionar em *piloto automático*, em nível plausível”.

Segundo Dornbusch, não deve haver também barulho político improdutivo. O processo de renegociação do México, que afinal terminou com um abatimento de 20% na dívida do país, foi doloroso, com detalhes não conhecidos pelo público: “Houve um colapso dramático na negociação de última hora, um desaparecimento estratégico da equipe econômica mexicana, intervenção do Departamento do Tesouro americano e, finalmente, um acordo. Tudo isto aconteceu na maior

privacidade, não em frente às câmaras de televisão”.

**Campeonato** — A reestruturação da economia mexicana é um outro ponto levantado por Dornbusch como modelo para o caso brasileiro. “Em 1982 o México teria vencido qualquer campeonato das economias mais fechadas e ineficientes do mundo. Durante a década seguinte, aconteceu uma importante reestruturação da economia em três aspectos: privatização, desregulamentação e liberalização do comércio”. Segundo o professor, em 1982 1.156 empresas pertenciam ao setor público no país; em 1990 o número de estatais havia decrescido para 280.

A experiência de privatização, “um sucesso total” porque não originou questões quanto a vendas rápidas demais, corrupção ou custos sociais inaceitáveis, como no Brasil, foi utilizada para a desregulamentação de uma economia amordada por 40 anos de privilégios e restrições à importação. Hoje as autoridades mexicanas estimam que o esforço da desregulamentação deverá resultar em benefícios cumulativos de 10% do PIB.

Contou também a liberalização do comércio. Se até meados dos anos 80 a economia era fechada, agora o país está completamente mudado. Somente setores como a indústria química e automobilística ainda conservam o sistema de cotas, mas mesmo assim com um volume significativo de tarifas removidas. O México prepara-se para ser, no ano 2000, “parte integrante da economia americana”.

**Revolução** — Dornbusch acha que a parte mais importante da reforma mexicana foi a verdadeira “revolução” promovida pelo presidente Salinas de Gortari. “A responsabilidade governamental foi o ponto central”, disse ele. Num Estado onde a propina (*la mordida*) era institucionalizada, hoje se observa ausência de corrupção nos quatro ou cinco escalões mais elevados da administração. “Ninguém brinca em serviço”, afirma o professor.

Outro ponto dessa revolução política foi a continuidade dos esforços governamentais e o compromisso com a modernidade. Além disso, o governo esforçou-se para conseguir o consenso social para seus projetos e, finalmente, munuiu-se de técnicos competentes.